

# Contribuições do Design para o acesso à informação: possibilidades da linguagem simples

## *Design contributions to access to information: possibilities of simple language*

LEAL, Raquel; MORAIS, Mariana Costa Oliveira.

**RESUMO:** Este estudo visa refletir o potencial do Design como ferramenta para divulgar e simplificar informações complexas. Focando na área de divulgação científica da saúde na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), entrevistamos Tereza Costa, bióloga do Museu da Vida, especializada em Linguagem Simples. Destacamos o Design como uma disciplina multidisciplinar, unindo diversos conhecimentos e pessoas. Sua atuação não se limita à estética, servindo como ponte entre áreas de expertise e facilitando a compreensão pública. Essa abordagem holística promove uma divulgação científica mais eficaz, ampliando o alcance e a participação do público.

**Palavras-chave:** Design da informação; Imagem e comunicação; Design gráfico; Design e políticas públicas;

**ABSTRACT:** *This study aims to reflect on the potential of Design as a tool to disseminate and simplify complex information. Focusing on the scientific dissemination area of health at the Oswaldo Cruz Foundation (Fiocruz), we interviewed Tereza Costa, a biologist from the Museum of Life, specialized in Plain Language. We highlight Design as a multidisciplinary discipline, bringing together diverse knowledge and people. Its role is not limited to aesthetics, serving as a bridge between areas of expertise and facilitating public understanding. This holistic approach promotes more effective scientific dissemination, expanding the reach and participation of the public.*

**Keywords:** Information design; Image and communication; Graphic design; Design and public policies;

## 1 — Introdução

O objetivo deste trabalho é investigar as possibilidades de como o Design pode servir como meio de divulgação e facilitação de informações complexas. Para isso foi observado a área de divulgação científica no campo de estudos na saúde, especificamente no Museu da Vida, pertencente à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

O campo da saúde é uma área de grande relevância social, de modo que o acesso efetivo às informações desse campo contribui para uma sociedade mais democrática e consciente. No entanto, a linguagem normalmente utilizada é bastante restrita aos integrantes desses meios, constando termos técnicos e construções próprias. Isso devido às próprias especificidades da área, mas também ao fato de que, historicamente, o acesso ao conhecimento é circunscrito a uma determinada classe social, tornando-o bastante elitizado.

Nesse sentido, o design de informação pode ser um grande aliado na divulgação científica, por abordar desafios ligados à estrutura, significado e aplicação prática de sistemas informativos, utilizando contextualização, planejamento e criação de interfaces gráficas. Seu princípio essencial é otimizar a compreensão de informações, visando uma eficácia aprimorada nos sistemas de comunicação analógicos e digitais (SBDI, 2015). Assim, dentro desse contexto da comunicação com a intenção de adequação didática, tem-se a Linguagem Simples.

O movimento do uso da Linguagem Simples como forma de facilitar o acesso a informações complexas. Conforme definido por Pires (2017) a Linguagem Simples:

“é um conjunto de práticas que facilitam a leitura e a compreensão de textos. Considera o público a quem a comunicação se destina para organizar as ideias, escolher as palavras mais familiares, estruturar as frases e determinar o design. [...] Possibilita transmitir informações complexas de maneira simples e objetiva.” (Pires, 2017, p.10)

Além disso, Albagli (1996) afirma que essa prática envolve o desenvolvimento de recursos e processos técnicos que elaboram a linguagem acadêmica para uma simples, visando promover o interesse e a democratização do conhecimento científico. Entendemos que o uso da Linguagem Simples desempenha um papel essencial de educação e acesso ao conhecimento, contribuindo para a divulgação e valorização da ciência pela sociedade e, por consequência, para o reconhecimento da sua relevância e benefícios no cotidiano (ALBAGLI, 1996), bem como contribui com a conscientização, garantia e acessibilidade de direitos. Para que este papel exista, consideramos importante que este processo relacione uma prática dialógica (FREIRE, 1983), em que há uma troca e aprendizado entre os envolvidos no processo de conhecimento.

Freire (1983) entende que o ato educativo se dá a partir da interação entre os atores do processo em uma relação horizontal de aprendizado por meio das trocas de informações, isso busca enfatizar a ação reflexiva, crítica e compartilhada de saberes aliada à realidade dos agentes, de forma que possibilite a transformação da realidade. Em suas palavras “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2001, p. 69).

No presente trabalho será realizado uma entrevista com uma profissional que trabalha a Linguagem Simples com fins de facilitar a compreensão do público com as informações científicas. Tereza Amorim Costa é mestre em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (2003). Possui bacharelado pela mesma instituição e atua como autora e editora de livros didáticos de Biologia e Ciências para a educação

LEAL, MORAIS. Contribuições do design para o acesso à informação: possibilidades da linguagem simples

básica. Atualmente, é tecnologista em saúde pública da Fundação Oswaldo Cruz, junto ao Museu da Vida, realizando também trabalhos de Linguagem Simples.

## 2 — Metodologia

Esta entrevista semiestruturada foi realizada em 18 de outubro de 2023, em uma quarta-feira, com duração de 1 hora via uma reunião remota pela plataforma *Google Meet*. A conversa foi planejada para as pesquisas das autoras, mestrandas do programa de pós-graduação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ). Com o objetivo de entender as práticas da divulgação científica além da teoria, e as possibilidades do Design atuarem de forma a aproximar a instituição com o público

A entrevista foi dividida em duas partes: 1) Apresentação e trajetória profissional; 2) Linguagem Simples na prática e seus desafios. Colocando as seguintes perguntas como norteadoras para a dinâmica:

1. Fale um pouco sobre você, qual sua formação e bagagem de experiência? Como é seu trabalho atual?
2. Você trabalha em equipe ou sozinha?
3. O que você entende como Linguagem Simples?
4. Que elementos compõem a Linguagem Simples (ex.: elemento visual)?
5. Como é esse processo de simplificação da linguagem?
6. Tem alguma avaliação/teste durante e pós-produção dos textos?

Estavam presentes Mariana Costa (M.C.), Raquel Leal (R.L.) e Tereza Costa (T.C.).

## 3 — Resultados e discussões

### 3.1 Apresentação da entrevistada

[M.C.] – Bom, e aí a ideia é saber um pouco, né, sobre você, como é o seu trabalho. Eu acho que também saber como você chegou a trabalhar com a Linguagem Simples, qual foi sua trajetória. A gente vai começar um pouco com isso.

[T.C.] – Claro. Meu nome é Tereza, eu sou bióloga de formação, e eu sou uma pessoa gaga. Atualmente eu gaguejo muito pouco, mas eu já gaguejei bem mais. E por isso eu sempre tive mais interesse pela expressão escrita do que pela expressão oral, sempre achei mais interessante. E depois de formada, eu fiz um mestrado em Ecologia e Recursos Naturais e eu fui trabalhar em editoras, né? Fazia *freela*, depois eu fui contratada, mas enfim, e o meu trabalho em editoras era com livros didáticos para educação básica, né? Isso já faz 20 anos.

Ah, eu sou bióloga, né? E as editoras estavam numa fase de contratação de pessoas especialistas de cada área. Quer dizer, um biólogo para um livro de biologia, um matemático para matemática, um físico para livro de física e tal. E aí, eles estavam muito preocupados com a linguagem, né? Porque nós não éramos editores de formação, eu não fiz letras, não fiz jornalismo.

E aí a gente teve contato com estudos que mostraram que os alunos no Brasil não compreendem os livros que eles têm acesso, os livros didáticos. Que muitas vezes na realidade da educação pública, às vezes é o único livro que a criança tem em casa. A família tem uma Bíblia e ela tem os livros da escola, didáticos, paradidáticos, às vezes livros de literatura que a escola ou o que o governo compra e distribui.

Então, essa preocupação com a língua, a linguagem, já apareceu como uma necessidade profissional para mim por causa do trabalho com a editora. Na época, não se falava em Linguagem Simples. Na época, a gente falava muito em escrever para o leitor compreender. Então, de maneira que pudesse compreender aquela mensagem, e o leitor era uma criança de educação pública, muitas vezes com algumas defasagens de letramento.

Eu sempre trabalhei no editorial de texto, nunca no editorial de design ou editorial de arte, mas o editorial de arte também tinha suas diretrizes visando a maior legibilidade dos

textos. Então, de acordo com a faixa etária, tinha a largura da mancha, que era uma largura máxima que uma criança poderia ler parágrafo. Para Fundamental I se evita duas colunas [de texto] porque uma criança pode ter dificuldades de compreender quando começa uma coluna e quando termina. Todas essas coisas que com certeza vocês sabem muito melhor do que eu.

Então, eu fui ganhando gosto para estudar como a linguagem pode ser tanto um obstáculo como um elemento que auxilia a compreensão de conceitos. E o meu estudo sempre esteve muito ligado à compreensão, e no meu caso sempre com conteúdo de ciência naturais mesmo.

Quando eu vim trabalhar na Fiocruz, já faz dez anos, né? Em um museu de ciências. Embora seja educação não formal, esse tipo de educação, ele também é muito calcado na comunicação escrita. Então, ainda que o museu em que eu trabalho tenha sempre um mediador, tem sempre pessoas que conversam com o público, essa não é a realidade de muitos museus.

Então, os museus muitas vezes se amparam em textos para o leitor, para o visitante ler, e no seu site, sobretudo na pandemia. E o site é, muitas vezes, totalmente escrito, ou a grande parte do seu conteúdo é escrita.

E aí, nos museus eu passei a entrar em contato com outra realidade. O museu é um espaço elitizado, é um espaço que poucas pessoas têm acesso por várias questões que a gente pode discutir depois, mas as pessoas que vão aos museus são pessoas que têm um certo nível de letramento, de escolaridade, elas comungam, elas compartilham um certo conjunto de elementos culturais. E os museus de ciência recebem muitas crianças, recebem muito o público escolar, que não é o público que vai ao museu porque quer, né? É um que vai ao museu porque ele é obrigado. E aí...muitas vezes esse público tem questões de pertencimento em relação ao local. O público acha que não... Não é um local que muitas vezes ele iria com a família. A gente espera que ele volte com a família, claro, mas, muitas vezes é uma experiência totalmente nova.

Então, o lugar onde a gente deseja que seja uma boa experiência. E quem faz as exposições no museu, em geral, são pessoas com alto grau de letramento. Os curadores das exposições são pessoas que sabem muito da sua área e são pessoas que muitas vezes não têm contato com o público que vai visitar a exposição.

Então, às vezes eles fazem uma exposição e escrevem textos como se estivessem escrevendo para alguém que sabe tanto quanto eles. A gente às vezes vai ao museu... Eu vou ao Museu de Artes e leio um texto assim, que para mim é incompreensível... Ainda que eu tenha um grau elevado de letramento e eu conheço aquelas palavras, mesmo assim, eu não consigo ler o texto e empreender um significado dele, porque ele está escrito com muitos jargões ou... não sei, ou está... ele coloca informações que o curador, que o autor desse texto consegue compreender, mas que mesmo eu não consigo. E uma... e uma... e uma criança do ensino fundamental provavelmente também terá dificuldades.

E aí eu estou falando de criança do ensino fundamental, mas o INAF [Indicador de Alfabetismo Funcional], você deve conhecer esse relatório do analfabetismo no Brasil que mostra isso, embora o letramento e escolaridade caminhem juntos, no Brasil, a gente infelizmente tem uma parcela específica da população que termina o Ensino Fundamental II, que termina o Ensino Médio e tem um nível de letramento muito baixo.

Então, são pessoas que têm dificuldade de compreender notícias de jornal que têm dificuldades, muitas vezes de... com matemática, com porcentagem, com esse tipo de coisa. Agora, então, a gente corta para... ah... eu acho que estou um pouco perdida. Desculpa, gente...

[R.L.] – Não! Está ótimo.

[T.C.] – Por que eu comecei a trabalhar com isso? Tá! Porque o museu que eu trabalho tem um portal de divulgação científica com textos, que são textos de modo geral agradáveis, são textos simples, são textos feitos para um... para um público escolar, mas também, às vezes isso não basta, porque às vezes, embora a linguagem esteja adequada, muitas vezes a informação não está, a informação continua sendo complexa.

Então, são aqueles textos, por exemplo “Olá, amiguinho! Como vai? Qual é a menor parte da matéria? Ah! É o átomo! O átomo é uma estrutura com 25 prótons, 25 nêutrons e 52 elétrons que giram ao redor de...”

Então, então, muitas vezes não é apenas a linguagem, né? Há que dosar também o conteúdo. Hum...Para que a mensagem seja compreensível. Acho que uma especificidade da Linguagem Simples para divulgação científica e para o meio jurídico também, é que uma coisa é a gente querer simplificar um comunicado de um condomínio, né? E outra coisa é a gente querer simplificar as coisas como um texto sobre a bomba atômica, uma lei... porque aí de fato exige que a pessoa tenha conhecimentos prévios. E aí nem é só uma questão de linguagem, mas tem um lado de letramento por trás.

E no museu eu tive oportunidade de trabalhar nesse site e trabalhar com algumas exposições também. E na última exposição, eu e Rita [Alcântara] trabalhamos juntas, a gente teve a oportunidade de tentar pelo menos implementar algumas diretrizes da Linguagem Simples nos textos. Eu digo tentar, porque não é um campo pacificado ainda.

Existe o medo de que o texto vai ficar simplório, o texto vai ficar pobre. Existe um medo de que é antieducativo escrever de maneira simples. Hoje eu estava numa aula no meu curso de doutorado e o professor falou “Não precisa...Não temos que falar mais fácil, temos que falar difícil que a maioria das pessoas falem difícil.” É, então, ainda existe... Assim, existe uma corrente de pensamento que acho que é deseducativo usar um vocabulário mais próximo do que o leitor já sabe.

Existem pessoas que acham que não, que na verdade, é legal, que isso seja difícil, porque a pessoa vai se esforçar e ela vai aprender e ela vai, enfim. E existe também o que eu mais encontrei... são pessoas que acham “Não, isso que a gente escreve já está bom, já está bom. Eu acho que é simples sim, ó. Eu acho que porque meu filho que estuda no... sei lá, no São Bento, meu filho conseguiu entender, então, acho que todo o mundo consegue”.

Então... tentar convencer as pessoas que 1) A Linguagem é vantajosa para os museus, porque uma pessoa que tá no museu ela não vai com dicionário, ela não tem paciência para procurar palavras, ela não... não está ali para isso. Ela não está numa aula de língua portuguesa, né? Ela está buscando uma experiência no museu, em que preferencialmente quer ver coisas, ela já nem gosta muito...ela não está ali para ler.

A gente coloca muito texto, a gente coloca um texto, enfim, escrito com uma fonte que não é adequada, um texto na parede. Tem estudos que falam sobre isso também, que às vezes em tela ou eu na minha casa, eu posso ler o texto da exposição e eu sei que está bom, mas eu tenho que considerar a experiência daquela pessoa que vai estar em pé no local com outras pessoas.

A própria pessoa pode estar cansada, com sede, quer ir ao banheiro. Tem, sei lá, 50 quadros ao redor para poder olhar à disposição, a motivação para ler um texto possivelmente é menor. Às vezes ela quer ler um texto mais curto pra começar e se aquele texto a motiva, talvez ela tenha mais motivação para ler parágrafos depois, mas claro ela vai querer ler tudo de uma vez só.

Então, o que a gente tentou fazer foi considerar o nosso visitante, considerar o local em que os conhecimentos prévio, o nível de letramento do nosso visitante, considerar a experiência em que ele está, que é uma exposição que a atenção dele é dividida com outras coisas e considerar qual o objetivo da comunicação a gente tem. Então, o meu objetivo não

é ampliar o vocabulário daquela criança, no meu caso, o meu objetivo é ampliar a noção de que ela tem sobre bactérias.

Então eu vou me esforçar, eu vou usar todos os recursos que eu puder para ampliar a noção dela de bactérias. E nisso, se tiver uma palavra que é um obstáculo, eu vou tirar essa palavra, porque ela está atrapalhando o meu objetivo principal.

E eu acho que a linguagem simples ou uma linguagem clara exige uma clareza de pensamento, uma clareza de objetivos muito grande. Antes da gente simplificar o texto, a gente vai olhar o texto, a gente tem que pensar mesmo o que o projeto pede, a gente saber identificar o que é prioridade. E assim a gente consegue avançar com as com mais segurança e ficamos com menos pena, muitas vezes de “Puxa vida poderia falar mais alguma coisa aqui? Sim, você pode falar mais alguma coisa aqui, aí você aumenta o risco de que sua mensagem principal se perca. Você quer correr esse risco? Ah, não, não quero”.

Gente, eu não sei se eu respondi. Atualmente a gente usa o índice “*Flesch-Kincaid*”, o *In Vivo* e que esse site está na plataforma “*WordPress*” e ele oferece o índice *Flesch-Kincaid* para a gente ver se o texto é simples ou não. A gente tenta sempre chegar no nível no verdinho também já reparamos que quando o texto tem, ainda que a sintaxe esteja adequada, tudo isso, mas se o texto tiver palavras que são pouco conhecidos, que às vezes na divulgação científica são muito frequentes na pandemia de convite, por exemplo, pandemia é uma palavra que não era frequente, antígeno não era frequente. Então essas palavras muitas vezes aumentam a dificuldade do texto para o leitor. E aí a gente tem estratégias de como é que a gente lida com isso, a gente se preocupa muito em evitar nas exposições, o vai e vem do olho do leitor, a gente tenta evitar.

Ai não sei se vocês já leram um livro que eu sei, porque livro didático tem muito isso, o livro didático vai descrever um processo, sei lá, descrever a reprodução das samambaias, e às vezes você tem um texto só de dois parágrafos, e no texto tem algumas indicações:

“Veja a figura abaixo.” Aí você lê o texto, não sabe se você leu o texto um pouco e se olha a figura, você volta para o texto e quando vê já se perdeu. Esse vai e vem do olhar é outra coisa que cansa.

Então, às vezes é melhor dar informações que não precisem da figura e colocar dentro da figura, colocar pequenos textos, uma frase: “Essa aqui é samambaia macho, essa não”, mas enfim, coloque informações dentro da imagem para evitar que o leitor tenha que fazer um “vai e vem”, porque isso é cansativo em livros isso é cansativo, em exposições também e na internet também.

Enfim, a gente trabalha com a pirâmide invertida do jornalismo, a gente tenta colocar as informações, sobretudo em exposições, a gente tenta colocar logo a mensagem central. Não é literatura, uma pessoa não vai ter paciência de ler cinco parágrafos para chegar a uma conclusão porque ela nem sabe que vem uma conclusão. Então é melhor trazer a conclusão no primeiro parágrafo. Se ela parar de ler que é uma escolha dela, pelo menos ela já leu o principal que a gente acha importante, se é que se ela tiver mais paciência, mais tempo, ela vai continuar lendo o resto.

Eu acho que essa ideia de que nos museus, tem até uma teoria em museu que é o aprendizado por livre escolha, diferente de uma escola que ainda se pode pedir que uma pessoa leia uma página no museu. Ele vai ler realmente se ele quiser, a gente tem que competir muito pela atenção.

Uma coisa que eu esqueci, fui estudando, fui lendo, fiz o curso da Heloisa Fischer<sup>1</sup>, um curso da empresa dela, “Comunicação Simples”. Depois eu me tornei centro de citações de linguagem simples, algumas associações têm encontros online, a gente aprende coisas de design, a gente aprende coisas de texto e eu fico muito feliz de ver que esse assunto está

---

<sup>1</sup> <https://comunicasimples.com.br/author/helofischer/>

crescendo na própria Fiocruz, a ENSP está trabalhando com isso, já tem editais em linguagem simples e fico muito feliz saber que tem gente pensando isso na divulgação científica também.

[M.C.] – Legal. Tereza, Você trabalha em equipe ou sozinha, se for equipe, quais são os papéis geralmente que as pessoas empenham?

[T.C.] – Sempre trabalho em equipe, até porque eu acho que quem trabalha com texto nunca está sozinho e tem sempre alguém, pelo menos é sempre recomendado que eu tenha outra pessoa que leia, enfim, que tenha um leitor crítico.

É muito arriscado eu colocar um texto na minha cabeça e colocar em um site, porque outra pessoa vai ter outra visão. Entretanto, todos no museu, todo mundo com quem eu trabalho é profissional de alguma forma, ou são outros biólogos, são pedagogos, ou são designers ou são jornalistas.

Então a gente acaba ficando sem o principal, que é o *feedback* do leitor, do público alvo. A gente não tem, a gente não faz teste de “Poxa, vamos dar esse texto aqui para uma pessoa de 15 anos ler e ver se está compreensível ou não.” Então, tem uma chance extrema de que tudo isso pode estar errado. Isso é uma coisa que a gente pensa em relação à exposição, às vezes a gente quer fazer a exposição e quer fazer alguns protótipos, testar com as pessoas, né? E os textos que a gente nunca testa, textos com as pessoas? A gente testa os aparatos, a gente testa muitas vezes a altura. Se o cadeirante consegue passar, se não consegue, se a criança consegue olhar no microscópio, se não consegue, o texto a gente não testa.

Além do trabalho no museu, eu sou autora de livros didáticos hoje e na editora é uma outra história, é um mundo muito mais complicado. Então, eu sou autora, tenho uma outra autora de quem eu sou parceira. Em geral a gente lê o que a outra escreve, aí já é uma leitura, mas eu sou bióloga, ela é bióloga. Isso vai para a empresa editora, lá vai ter uma pessoa editora, que também é bióloga, que vai ler e vai fazer os apontamentos dela com o olhar dela, com um olhar muitas vezes mais voltado para aquilo que ela já sabe qual o professor prefere, que o aluno prefere, ela vai estar preocupada com o número de páginas, ela vai estar preocupada com aquela foto que eu pedi, se é muito cara ou não. E nas editoras têm um departamento todo de texto, um departamento de revisores de texto, de preparados de texto que cuidam para que toda a coleção tenha uma unidade.

Então, também não adianta eu escrever de uma maneira muito simples, porque é o que vai prevalecer. Existem editores de estilo, que são pessoas que pegam textos de vários autores e falam: “Olha, a gente tem que fazer isso aqui ficar mais ou menos uniforme, não pode o livro de biologia ficar de um jeito, o livro de química ficar de outro jeito.” Então, tudo o que eu faço para linguagem simples, eu divulgo para a editora e para um museu.

A editora acolhe isso numa perspectiva de “isso é bom, porque a gente sabe que as crianças têm dificuldade de compreender” Contudo, a editora já tem um manual de revisão próprio, não tem manual de revisão no estilo da Folha [de São Paulo], as editoras também têm, e muitas vezes, se eles acham que fica melhor escrever de outra forma, o que vai ocupar menos espaço, ou que essas figuras que eu faço é o que o texto vai dentro. “Não, isso aqui ficou muito grande, não vai caber na página, sinto muito o que eles dão, o livro tem que fechar com 246 páginas e vamos ter que reduzir essa figura aqui.”

Contudo, eu percebo que em teoria eles concordam e tem os condicionais antes da prática. No museu tem essas questões que eu falei: “eu tenho medo disso ficar simplório”, tem que convencer as pessoas que aquele texto não é tão simples como o autor acredita que esteja, e tem essa questão das pessoas achem que na verdade ser complicado pode ser pedagogicamente útil.

Dessas três, muitas vezes para mim, quando eu trabalho editando textos para um livro, o mais complicado é explicar para o autor que aquele texto dele infelizmente não é tão claro como ele imagina, porque ele é muito difícil para ele se colocar no lugar de uma pessoa que

não sabe, isso se chama a maldição do conhecimento. Até no curso Heloisa Fischer, ela fala sobre isso.

Quando a gente sabe alguma coisa, a gente esquece que como é não saber, e quando a gente escreve, a gente tem que se colocar no lugar de uma pessoa que não sabe, se ela soubesse, nem estaria lendo aquilo.

E com o pessoal do jornalismo, né? O jornalismo, tem outras diretrizes, tem outra pegada, e muitas vezes tem coisas que eles acham: “Poxa, se eu escrever assim vai ficar legal, vai, ficar divertido”, e pode ficar divertido, desde que a pessoa entenda que é uma piada.

Muitas vezes a pessoa pode não entender que é uma piada e aí você está deseducando.

Eu vou dar um exemplo prático, aconteceu comigo no Metrô da França, eu falo muito mal francês e no metrô da França você entra com seu bilhete, você tem que validar, tem um sensor dentro do metrô que você valida e o metrô da França estava com uma campanha de maus hábitos. “Como é que você vai combater maus hábitos?” E a campanha deles era pela negação. Então é assim: “Não dê seu lugar para uma pessoa com deficiência”. “Não, não valide seu cartão”. Eu vi ele “Não valide seu cartão” eu não estava sabendo nada que era uma campanha, e eu achei que não era para validar, enfim, tem aqueles problemas, talvez de você explicar que na verdade, eu sou uma turista. Está escrito “Não valide seu cartão.” “Ah, mas você é burro.” não sou burra, não estou nessa cultura.

Eu não falo sua língua muito bem, infelizmente, e na minha cultura, isso pra você é muito óbvio, porque você está nessa cultura. E na divulgação científica é a mesma coisa, é a dificuldade de pessoas que são letradas, tentando se comunicar com o público, que muitas vezes elas não conhecem. É um público que elas assumem que não sabe e elas acham que usando os mesmos recursos que elas têm, elas vão conseguir se comunicar.

Tem uma frase por dia de Pierre Bourdieu e espero que seja dele, não sei, acho que é. Em que ele fala “tratar todo o mundo igualmente, é como se no boxe, e no esporte boxe, não tivesse as categorias peso, pena, peso pesado.” E então eu acredito nisso, acho que fazer um texto só é como tratar todo o mundo como peso pesado.

Há pessoas que não estão tão assim nessa categoria, que tem todo o direito de receber essa informação, tem o direito, tem inteligência, capacidade, muitas vezes tem mais interesse até. E às vezes, se a informação chega de uma forma que a pessoa não compreende, nessas relações de poder do museu, são um espaço elitizado, livro. Poxa, isso aqui está no meu livro, a pessoa dificilmente vai considerar que o problema não é dela, o problema de quem escreveu aquilo a pessoa vai achar “Não, o problema é meu, eu é que sou burro, eu é que não sei o que é bactéria, eu não sei o que é microbiota, isso aqui está escrito e eu deveria saber e eu não sei”

Se eu deveria saber e eu não sei, eu estou em um espaço que não é para mim, eu sou inadequado nesse espaço. E muitas vezes eu me sinto assim quando eu vou a uma exposição de arte que eu não entendo. Eu entendo que é uma linguagem diferente, mas eu penso puxa vida, não é só isso aqui eu poderia entender mais se a pessoa que escreveu conseguisse se comunicar com pessoas leigas como eu.

E com trabalho, com o designer, às vezes é uma relação que flui super bem, às vezes uma relação que não flui muito bem, são dois trabalhos super importantes, um o design que sempre o que é possível quando eles trabalham juntos podem dar muito certo, mas quando entra em algum tipo de competição aí muitas vezes dá muito, muito errado, eu acho.

E a maneira como eu tento trabalhar é assim, não é o que eu penso, não é o que você pensa, vamos conversar e decidir o que a gente acha que é importante, quando a gente fala o que a gente acha que é importante, aí a gente vai tentar fazer esse produto de maneira que ele seja significativo, que o produto seja importante para quem vai ler. Muitas vezes, poxa, eu poderia escrever melhor? Claro, isso iria ajudar? Não, isso não ia ajudar.

Muitas vezes, talvez para o designer, eu tenho algumas peças de design que eu totalmente percebo e compreendo a intenção, mas eu acredito que vai dificultar o entendimento de uma pessoa que não tem um grau de letramento tão grande.

## 4 — Considerações finais

O uso de Linguagem Simples é uma prática já incentivada pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania<sup>2</sup>. Essa técnica reúne orientações sobre redação, estrutura e validação de textos, tornando a informação acessível a pessoas com dificuldades de leitura e compreensão (BRASIL, 2023). Então, seu estudo na divulgação científica é fundamental para que haja a democratização do conhecimento.

A experiência de entrevistar Tereza foi enriquecedora por mostrar sua visão prática sobre o trabalho, não se limitando apenas a regras e teorias a serem seguidas. Dessa forma, foi possível pontuar alguns desafios do seu dia a dia com Linguagem Simples e divulgação científica:

- Papel essencial de educação e democratização do conhecimento;
- Estratégias de simplificação da linguagem para não comprometer a complexidade técnica e crítica;
- O principal é entender qual é o seu objetivo e funcionalidade: O que seu público está buscando? Ele consegue atingir o objetivo com o conteúdo que está ali?

Diante dessas questões, buscou-se entender como o Design de Informação, por meio do uso da Linguagem Simples, pode ser um aliado para superar esses desafios, possibilitando que o acesso às informações seja de modo efetivo e inclusivo, e permitindo que a ciência e os direitos sejam alcançados por uma parcela mais ampla da sociedade de forma acessível, interessante e relevante.

## Agradecimentos

Esse presente trabalho foi realizado com o apoio da Capes – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Esse trabalho não seria possível sem a entrevistada, Tereza Costa e o nosso orientador Ricardo Artur. Agradecemos também Leonardo Sidaoli, Noah Sampaio, Rafael Inocencio e Rita Alcântara.

## Referências

ALBAGLI, S. **Divulgação Científica: Informação Científica Para A Cidadania?**. Ciência da Informação, 1996, 25(3), p.396-404.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

BRASIL, Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Linguagem simples é tema de oficina promovida pelo MDHC**, 2023. Disponível em:

<<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/linguagem-simples-e-tema-de-oficina-promovida-pelo-mdhc>>. Acesso em: 18 de julho de 2023.

Martins, B.; Couto, R.; **Design da Informação e a construção de sentido no desenvolvimento de materiais educativos**, 2008. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/273204833\\_Design\\_da\\_Informacao\\_e\\_a\\_constr](https://www.researchgate.net/publication/273204833_Design_da_Informacao_e_a_constr)

---

<sup>2</sup> Linguagem simples é tema de oficina promovida pelo MDHC. Publicado em 03/07/2023.

Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/linguagem-simples-e-tema-de-oficina-promovida-pelo-mdhc>

ucao\_de\_sentido\_no\_desenvolvimento\_de\_materiais\_educativos. Acesso em: 29 maio de 2023.

PIRES, H. **Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania**: Subsídios do movimento mundial pela linguagem clara para facilitar a compreensão de textos que orientam cidadãos brasileiros em ambientes de governo eletrônico. 2017. Monografia (Especialização em Cultura do Consumo)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MEADOWS, J. (2001) **Comunicação**, Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 25, n. 2, p.239-254.

Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI). Brasil, 2015. Disponível em: <<https://sbdi.org.br/>>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

.....

### **Notas sobre os autores**

LEAL, Raquel; Mestranda; O design como produção de subjetividade da cultura imediatista: impactos na divulgação científica [Título provisório da Dissertação]; Ricardo Artur; 2025; <http://lattes.cnpq.br/7501808290581789>

[raquel.lccp@gmail.com](mailto:raquel.lccp@gmail.com)

Moraes, Mariana Costa Oliveira; Mestranda; Laboratórios de inovação do poder judiciário: o impacto do design no avanço do acesso à justiça [Título provisório da Dissertação]; Ricardo Artur; 2025; <https://lattes.cnpq.br/0670850080327688>; [moraes.mare@gmail.com](mailto:moraes.mare@gmail.com)